

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MALFITANI, Francisco José . Francisco José Malfitani (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 56min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Francisco José Malfitani
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 31/10/2014 a 31/10/2014

Duração: 1h 56min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Anistia política; Anos 1970; Anos 1980; Ciências Sociais; Família; Formação acadêmica; História de vida; Itália; Jornalismo; Luiza Erundina de Sousa; Mulher; Polícia; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; Segurança pública; Sociedade civil; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 31.10.2014 Apresentações iniciais; origens familiares italiana; o avô corintiano e a ida ao primeiro jogo; a formação acadêmica em Jornalismo e Ciências Sociais; as idas ao estádio e a formação da torcida Gaviões da Fiel; as primeiras alianças contra Wadih Helu e o crescimento da torcida; a repressão da polícia no período da Democracia Corinthiana; o perfil da primeira cúpula da Gaviões; o afastamento da direção da Gaviões; a eleição de Luiza Erundina e a ida dela à torcida da Gaviões; o episódio da faixa da Anistia no final de 1979 com Antônio Carlos Fon; a diferença entre a violência nas torcidas em 1969 e atualmente e a influência dos meios de comunicação; o episódio com a Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) na gestão de Erundina; relatos de alguns conflitos presenciados com torcidas em estádios e o desprezo da sociedade pelas torcidas organizadas; detalhes organizacionais sobre a fundação da Gaviões; as estratégias nas brigas nos anos 1970; o estatuto da Gaviões elaborado pelo primeiro presidente da Gaviões, Flávio La Selva; a interlocução com o Sport Club Corinthians Paulista; a relação com os jogadores na década de 70; a diferença entre arena e estádio; a mudança do comportamento dos torcedores antes e após a criação da Gaviões; o episódio da invasão corintiana no Rio de Janeiro; a rivalidade entre Corinthians e Sociedade Esportiva Palmeiras; a relação com as torcidas rivais; a tentativa de associar as torcidas organizadas por Alex “Minduim”; o envolvimento da torcida com o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST); perfil da polícia de São Paulo e o clima de repressão nos estádios; a relação com Vicente Matheus; a independência da Gaviões; a Democracia Corinthiana e a relação com Sócrates Brasileiro; a reeleição do Waldemar Pires em 1983; a criação da escola de samba nos anos 1970; a questão do preço dos ingressos e a acessibilidade da torcida; a corintiana, Elisa e a participação das mulheres na torcida; a importância da Gaviões da Fiel em sua história de vida.

Entrevista: 31/10/2014

R.P. - São Paulo, 31 de outubro de 2014, projeto Territórios do Torcer, hoje entrevista com o Francisco Malfitani, um dos fundadores da Gaviões da Fiel. Obrigado, Chico, pela presença e eu queria que você começasse contando um pouco, por favor, da sua infância, nome, data, local de nascimento, e como foi sua infância, o que seus pais faziam, seus avós, qual era o trabalho deles.

F.M. - Eu nasci na entrada da primavera, 21 de setembro de 50, do lado do meu pai eram italianos, Malfitani, da costa Malfitana, da Calábria, da Cecília, e do lado da minha mãe eram os chamados paulistas quatrocentões. Minha avó falava com muito orgulho disso, era quatrocentona. Eu falava para ela, a senhora tem orgulho de que? Ser descendente daqueles primeiros nobres que eram traficantes de escravos, que a corte de Portugal pagava para receber algum dinheiro e dava o título de nobre para os traficantes da época? Então não tem que ter muito orgulho de ser quatrocentão. Meu pai trabalhava na Ford, era filho de imigrantes italianos, minha mãe era do lar, como se falava, minha avó era Campos Sales, foi descendente do ex-presidente Campos Sales, morou em fazenda onde tinha escravo. Aliás achava que a escravidão continuava, mesmo depois de ter terminado, ela achava um absurdo que empregada em casa quisesse ver televisão, pintasse a unha, quisesse ter folga. Eu lembro que ela andava sempre com uma chave pendurada aqui, e essa chave, em cima da geladeira tinha um armário com aquelas telas para não entrar mosquito, onde ficavam os bolos e os queijos que a empregada fazia, ou que a empregada comprava o queijo no supermercado, na venda, e o bolo que a empregada fazia ou comprava, ficava lá dentro, minha avó ia lá e trancava. E só quando ela queria, abria e podia cortar um pedacinho para dar um pedacinho de bolo para a empregada que fez. Acho que antes de eu saber exatamente o que era esquerda, direita, conservadorismo, PT não existia, nem se sabia que existia o partido comunista, eu fui achando que eu estava do lado errado com aquela chavinha lá da minha avó, alguma coisa... essa visão de mundo está meio errada. Eu morava no Jardim América, do lado do Paulistano, era sócio do paulistano, então comecei a ver... Podia conviver muito com as pessoas, mas no campo das ideias não era bem aquilo que eu queria para a minha vida e para meu país. Do lado do meu pai, ele não gostava de futebol, nem minha mãe, meu avô, Carlos Malfitani, que era um italianão mesmo daqueles bravos, andava com um porrete dentro do carro para qualquer briga de trânsito dar uma porretada na cabeça de alguém, bem nervoso, e ele era corintiano, aí que está, ele que me

levou a primeira vez para um jogo, acho que tinha oito ou nove anos de idade, falou “quer ir no jogo, Corinthians e Palmeiras?” “Vou”. Eu gostava de jogar futebol na rua, tal. “Você escolhe para que time você quer torcer”. Eu fui para o Pacaembu. Eu lembro que o Corinthians ganhou de 1x0, gol de um ponta direita chamado Lanzoninho, e eu adorei a torcida do Corinthians. E eu virei corintiano a partir daquele momento. E sempre tinha jogo no Parque São Jorge, me lembro que na época do Parque São Jorge tinha até, não sei se podia chamar isso de camarote, uns mini camarotes bem grudados no campo, era uma gaiola, você ficava ali. E eu me apaixonei. Acho que aí começou, gozado, acho que inconscientemente, a ter uma relação de não gostar da elite, gostar do povo, a maior parte dos meus amigos eram são-paulinos, então essa coisa de Corinthians e povo, e posição política foi naturalmente surgindo, não foi ninguém, não aprendi isso na escola, na faculdade, nunca fui de nenhuma organização, entre aspas, de esquerda, no movimento estudantil, nada disso. Fiz Economia, ao mesmo tempo tentei fazer Direito, fiquei uns três anos, acabei não gostando, depois acabei virando jornalista. Fiz Ciências Sociais, claro, que no Jornalismo e na Ciências Sociais, quando fui cursar Ciências Sociais já com 30 anos de idade, e como jornalista, eu fui enxergando mais profundamente como funcionava a sociedade. Na Ciências Sociais também, porque você começa a entender porque as pessoas têm aquele determinado tipo de pensamento, porque as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante. E aí essa simbiose do Corinthians com... A gente ia sempre ao estádio, encontrava as mesmas pessoas, sempre éramos os primeiros a chegar no estádio, no Pacaembu, ou no Morumbi quando só tinha um terço do anel pronto, o resto era geral, ficava embaixo. E era um grupo que, aquela coisa, fomos ficando amigos de arquibancada, dos mais diversos níveis sociais. Tinha amigo meu que morava na Cidade Jardim, uma parte na Bela Vista, outra parte na zona leste, 10, 20, 30, sentava todo mundo junto, cada um levava a sua bandeirinha, começava ensaiar uns gritinhos de guerra para o Corinthians, brigava na saída com são-paulino, com palmeirense. Não no nível que é hoje, mas brigava no sentido que é dar uns tapas, arrancar a camisa, botar o cara para correr, mas nada de juntar e espancar alguém, que não era nem... E o que a gente via naquela época, é que estava na direção do Corinthians um político chamado Wadieh Helu, que era da Arena, apoiou a ditadura militar, e estava há mais de dez anos no poder do Corinthians, e usava o Corinthians politicamente para se reeleger, e o time numa situação, na época do Corinthians chamado “faz me rir”, estava há não sei quantos anos na fila, e dentro do clube parece que ele manipulava de tal maneira dentro do clube que o associado acabava sempre votando, e a gente resolveu... eu

tinha 19 anos, junto com o Flavio La Selva , que foi o primeiro presidente da Gaviões da Fiel, advogado, um cara de nível muito bom, o Augusto Saraiva, Arthur Timerman, um grupo, o Manchinha, o Rosinha, Inaté, turma que sentava junto, “porque a gente não começa a formar uma torcida organizada no Corinthians”, que não tinha até aquela época, “e quem sabe a gente consegue fazer uma organização da arquibancada para dentro do clube, fazer uma força. Não adianta, dentro do clube a gente não é sócio do Corinthians, lá tem uma manipulação, vamos começar a fazer um movimento de rua, de arquibancada para tentar derrubar o Wadih Helu”, esse era o objetivo. Recebemos o apoio na época do Vicente Matheus, eu lembro até hoje. Deixa eu voltar até um pouquinho antes. “Como nós vamos formar isso? Vamos fazer uma reunião, vamos bater um papo, vamos se juntar, e aí tentaram inventar um nome, e onde vai ser essa reunião?” Daí eu lembrei do meu avô, Carlos Malfitani, tinha uma casa na Alameda Santos, casa pequena, essas casas geminadas, mas tinha uma garagem. E eu liguei para meu avô e falei “empresta a garagem para a gente no sábado, vou com um grupo de corintiano, a gente está querendo formar uma torcida organizada?” E ele emprestou.

J.F. - Quando foi isso?

F.M. - Foi em 1969, na Alameda Santos quase esquina com a Joaquim Eugênio de Lima, bem em frente onde tem o prédio da Jovem Pan, tinha os antigos cinemas Gemine I, Gemine II, aquele conjunto ali. E nós nos reunimos lá no sábado, umas 15 pessoas, uns dizem foram 12, outro 16, eu não lembro exatamente, mas a gente se reuniu ali, Batata, Inaté, Rosinha, Manchinha, Vila Maria. Na faixa de 20 a 14 anos de idade. “Como vai chamar? Vamos fazer votação”, lembro que um falou Carcará da Fiel, Leão não sei do que, aí algum lembrou que já existia uma organizada no Rio de Janeiro, no Flamengo, chamava Dragões Rubro Negros, era a única organizada que naquela época existia nos times de futebol no Brasil. Não lembro quem sugeriu, falou vamos botar Gaviões da Fiel, todo mundo, legal. Gavião representa força, independência, que era o que a gente queria, ter uma torcida independente do clube, eu ela fosse uma força fiscalizadora, já que a grandeza do Corinthians não é o clube, são seus torcedores, o maior patrimônio do Corinthians é a sua torcida, caberia a ela decidir o rumo do clube. Como a maior grandeza do Brasil são os brasileiros, cabe a eles decidir o futuro do Brasil, e não a um grupo, um governo.... Então, foi unânime, virou Gaviões da Fiel. Alguém vai desenhar o gavião, precisamos fazer camisa, bandeira e tem os instrumentos, estamos sem grana. Aí o Flavio falou, “olha, tem o Vicente Matheus, e ele é contra o Wadih Helu”, sempre foi historicamente contra, “vamos procurar, quem sabe ele arruma uma ajuda inicial para a gente,

antes da gente conseguir formar um grupo para cobrar mensalidade, tudo”. E eu lembro que fui eu, o Flávio La Selva e o Carlos Augusto Ferrari Saraiva, popular Linguixa, que hoje é diretor de relações esportiva da Pênalti, meu amigo de infância também. E fomos juntos lá no centro da cidade bater lá com o Vicente Matheus. Quem intermediou o encontro foi um oculista que era da oposição também, dr. Wilton Magalhães, tinha um consultório na rua Santa Efigênia com a Ipiranga, ele intermediou e nós fomos conhecer o Matheus. Eu não esqueço esse dia, aquele jeitinho dele engraçado de falar, errando o português, mas bem espontâneo, um tipo de dirigente que não existe mais, amor ao clube, põe dinheiro no clube sem ter nada em troca, também com seus erros, achando que o clube era dele, mas... a esposa dele está viva, dona Marlene Matheus. A gente explicou o que a gente queria, precisamos de dinheiro para fazer as primeiras bandeiras, as primeiras camisetas, ele tirou do bolso, tinha um bolo de cheque assim, pegou os cheques, como se tivesse contando dinheiro, falou, leva esse aqui. Devia ser um cheque dos fornecedores dele, das pedreiras dele, deu o cheque para a gente, endossou atrás para a gente descontar. Saímos contente que era dinheiro que dava para comprar, ir na Casas Pernambucanas comprar tecido branco e preto, e acho que nas casas Manom, que tinha no centro da cidade, comprar os instrumentos. Tinha uma amiga que estudava comigo no Liceu Eduardo Prado, a Miriam, que a mãe dela era costureira, então dá os panos para mim que eu levo para a mãe da Miriam, a avó da Miriam costurar. O outro vamos no Morumbi cortar bambu para fazer as bandeiras, o fulano vai fazer as camisas. E aí, nasceu. Procuramos a imprensa para mostrar que queríamos fazer um movimento de revolução dentro do Corinthians. Fizemos as primeiras faixas para levar no estádio, tivemos muito problema com a polícia na época, porque na época, plena ditadura, tudo que falasse revolução, mudança, polícia vinha para cima para tomar, então era briga com a polícia todo jogo, queriam tomar as faixas da gente, e ao mesmo tempo o Wadih Helu com medo que esse movimento começasse a crescer, porque ele começou com 15, 16 pessoas, no primeiro jogo já tinha 30, no outro dia já tinha 100, no outro dia já tinha 200, um troço... nem eu tinha sequer ideia que tinha ficado... hoje tem mais de cem mil sócios. Se alguém me falasse naquela época, está ajudando a fundar um movimento que vai ter mais de cem mil sócios daqui a alguns anos, está bom, então me dá os números da mega sena que eu quero jogar também. Eu jamais ia acreditar nisso, e foi tomando um volume. O Matheus contratava uns capangas para vir brigar com a gente, tentar tomar as faixas, tinha muita porrada, muita briga. E ao final de um ano e meio, logo teve eleição presidencial e a gente conseguiu apoiar um candidato chamado Miguel Martinez, foi a revolução corintiana, e

a gente derrubou com esse movimento que teve repercussão na imprensa, a gente estava sempre batucando no Parque São Jorge, música contra o Wadih Helu, e movimento de rua, que nem movimento das Diretas, que nem movimento do ano passado, foi criando um troço, e o associado acabou... alguns dos grupos entraram como sócios do Corinthians para tentar fazer um movimento lá dentro. Foi uma coisa estratégica mesmo, pensada estrategicamente para derrubar o Wadih Helu que usava o Corinthians politicamente. Aí ganhou eleição. Qual foi nossa surpresa, que passou uns dias da eleição do Martinez, o Martinez chamou os garotos mais novos do nosso grupo, disse “vamos fazer o seguinte, acaba com esse negócio de Gaviões da Fiel, força independente, vamos formar uma Camisa 12, aí o clube fornece para vocês os ingressos, os ônibus, faz as camisas”, quer dizer, o Miguel Martinez viu que aquela coisa, aquela organização que tinha ajudado a derrubar um presidente poderia... e os mais novos, são pessoas legais, meus amigos hoje, Claudio Faria Romero, o Raul que hoje é diretor financeiro do Corinthians, dono da ABBA, uma das maiores consultorias do mundo, eles eram mais novos, eles foram lá e formaram a Camisa 12. Tanto que nós da Gaviões ficamos loucos com isso, tanto que quando cruzava com eles a gente batia neles, eram todos mais novinhos, traidores, traíram nossa causa. Depois disso passou, o Claudio Faria Romero entrou para o PC do B, todo mundo com cabeça boa de política, tal. Claro, tinham 14, 15, 16 anos, e aí foi. O negócio da Gaviões foi uma explosão, eu participei só da primeira diretoria, fui o primeiro vice-presidente da Gaviões. Aquilo tomou uma dimensão... a garagem do meu avô, nem pensar, ficou lá dois, três meses, já alugaram uma sede pequenininha na Santa Efigênia e dali aquilo foi... O que eu acho que é a maior lição de vida para mim, que eu levei daquilo, é como o povo, quando tem possibilidade, quando quer se organiza e muda as coisas. Foi um troço... Eu não conheço nenhuma outra organização que conseguiu de 69, que começou com 12, 15, 16 pessoas ser o que é hoje com mais de cem mil sócios com a dimensão que tem, não conheço nenhuma organização que foi, sem nenhuma ajuda de nada, a não ser a própria organização do povo. Então se organizaram nos bairros, chamam lá as Quebradas que são as sub sedes, então... Sempre continuei frequentando o estádio junto deles lá, são meus amigos, não gosto de ver jogo na numerada, é chato pra caramba, gosto de ficar no meio da muvuca, mesmo que eu esteja fumando maconha só por estar respirando o ar, sem ter um cigarro, você fuma junto, mas é quem apoia o time incondicionalmente, é a torcida que está lá. Depois cobra, mas enquanto o jogo está ocorrendo, não tem vaia no time, tem apoio. Eu fui aos poucos entendendo o que o Corinthians representa para aquele povo da periferia, que tinha pouca atenção. Ali é onde ele é

alguém, ele se sente seguro, onde sua voz é ouvida, e como o Corinthians é importante para a vida dele, como paixão. E a gente sempre procurou dentro da Gaviões, usar a Gaviões... existe a Gaviões da Fiel, mas o Corinthians e a Gaviões não são um fato isolado, nós moramos em São Paulo, no Brasil, o que acontece lá fora tem total relação com que acontece com a Gaviões, com o Corinthians e sua vida pessoal, então a gente sempre procurou participar de todos mais importantes eventos políticos do Brasil. Desde a campanha das Diretas Já, campanha da Anistia, sempre teve essa relação.

J.F. - Chico, me permita voltar um pouquinho, se ouviu falar muito de que na época desse embate com o Wadih Helu, agentes do DOPS teriam agido para pressionar a Gaviões, coagir os membros, isso de fato procede, você se recorda?

F.M. - Não. Pode ter tido gente infiltrada, a gente não soube. O que a gente sofria mesmo era uma repressão direta da polícia militar, até porque a imprensa dava respaldo nisso. Estava no estádio, abria a faixa “viva a revolução corintiana”, já vinha para cima, pau, quebrava o pau, muita gente presa, eu fui preso várias vezes, mas sempre a pretexto de que nós estávamos fazendo baderna no estádio. Às vezes na porta do Parque São Jorge, fazendo movimentação, vinha à polícia, junto com os capangas do Wadih Helu, isso tinha. Agora, não sabia se os capangas do Wadih Helu eram do Dops ou não. A gente nunca teve um caso que a gente dissesse, esse cara é agente do Dops. Eu pelo menos, pode ser até que outras pessoas se recordem melhor que isso. Mas eu, Joca, Flávio, a cúpula da Gaviões naquela época, o Flavio La Selva, o Manchinha, o Iraté, o Linguíça, nunca sofremos diretamente. Tipo “olha, se cuida que está mexendo no vespeiro...” não. Agora, olho na gente o tempo inteiro, a gente era vigiado o tempo inteiro dentro do estádio. Agora, aquilo foi crescendo tão rápido, foi tão... na verdade, os corintianos queriam se organizar, estavam descontentes com o que estava acontecendo no clube, queriam se organizar. Não é que a gente discutia política o tempo inteiro, claro que não. Sempre a política era um subproduto do amor pelo Corinthians, isso sempre permeou o amor ao Corinthians por cima de tudo. E isso persiste até hoje.

J.F. - Essa primeira cúpula da Gaviões, você poderia defini-la como um grupo de estudantes?

F.M. - Não. Não porque totalmente diversificado. Tinha lá o Manchinha que era da Bela Vista, do Bexiga, o Batata acho que era da zona leste, Mudinho, que era um cara que fingia que era mudo, a gente ficou sabendo, durante anos ele fingiu que era mudo só para a gente pagar ingresso para ele, ele só falava: “é, si, si”, o Corinthians fazia gol, “é, é...”, Mudinho, e ele não era mudo porcaria nenhuma para não falar outra coisa. Tinha o Saraiva, que é da Pênalti,

morava no Jardim América como eu, muita gente da Bela Vista, o Rosinha, o Igor, um russo, brigador, forte para caramba, aliás não era russo, era apátrida, o pai dele era russo, quando ele nasceu, estavam vindo da Rússia para o Brasil, ele nasceu em alto mar, então não tinha pátria, a pátria dele era o Corinthians, morava na Bela Vista. Então tinha muito uma turma da Bela Vista, do velho Bexiga, uma mini turma dos Jardins, vai, o Carlos Antônio Aranha Guida, era uma simbiose, o Joca que acho que também era do Bexiga. Isso no primeiro momento teve uma presença de dois ou três de estudantes, o Flávio que era estudante de Direito, acho que morava no centro da cidade. Mas isso foi logo tomado, o povo tomou conta, entendeu? Isso é muito importante. E até hoje é o povo. As diversas diretorias, tirando o Magrão que era um cara de nível social um pouco maior, mas sempre representou bem a simbiose da sociedade brasileira. E hoje representa isso, tem uma grande parcela da nova classe C, agora, o povão sempre foi maioria. E o povão dirigiu isso, isso que eu acho bacana, eles tomaram isso. Não é que o intelectual, chamado de intelectual com 19 anos de idade, eu estava estudante de economia, porra louca, não era militante de nenhum grupo de esquerda, o negócio era o Corinthians ali. Claro que a gente tinha um nível econômico um pouco melhor. Eu era um dos poucos que tinha carro no grupo, tinha um Sinca, a gente às vezes não tinha dinheiro para a caravana, uma vez fomos de Sinca para ver um jogo no Paraná, uma turma pegou o ônibus normal e como não tinha lugar no ônibus para levar as bandeiras, tambor, e eu e o Batata porque não cabia mais nada. Só que eu bati o carro na ida, dormi na direção, caí no barranco, foi um... cheguei no estádio, conseguiram tirar o carro, o carro ainda conseguiu ir andando até lá, foi uma coisa ridícula. Eu cheguei no antigo estádio do Atlético Paranaense já estava 4x0 para o Atlético Paranaense, e eu e o Batata, cada um carregando cinco ou seis tambor, bumbo, bandeira, e tomando só bagaçada de laranja que a gente nem achava a torcida do Corinthians dentro do estádio. Então tem essas coisas improvisadas. Para a minha vida pessoal como ser humano, como cidadão foi ótimo ver uma riqueza de troca. Eu falo, dentro do estádio, o que você é fora do estádio não tem nenhuma representatividade, lá todo mundo é igual. Na hora do gol do Corinthians, na hora de xingar o juiz, na hora de brigar com a torcida adversária, você é igual se você nasceu em Parelheiros, no Bexiga, no Campo Belo, em Higienópolis, é um negócio muito forte a união das pessoas em pró de uma causa, uma causa de alegria para o povo brasileiro, tão sofrido naquela época, então tinha uma coisa muito forte, e o prazer de ir no jogo. Entrar no estádio é um prazer especial, só quem nunca foi é que não sabe... tem violência, mas isso é uma outra história que a gente pode conversar sobre isso um pouquinho

mais para frente. Mas foi essa explosão toda, o povo queria se organizar, eu acho que isso foi importante, o povo queria se organizar, queria estar presente no estádio para ser ouvido, uma força fiscalizadora do clube. O torcedor não está lá só para aplaudir e para pagar ingresso, porque como jogador vive disso, dirigente vive disso, a imprensa vive disso, ele tem todo direito de reivindicar o que ele acha melhor para o seu clube. Quantos milhões são faturados em cima dos patrocínios, quantos milhões as emissoras faturam, os patrocinadores, os jogadores, então, porque o torcedor tem que ficar sentado lá só aplaudindo ou vaiando. Ele tem que participar. Às vezes eles exageram um pouco, mas...

J.F. - O Flavio La Selva era de esquerda, tinha uma posição de esquerda?

F.M. - Pessoalmente sim, mas não era um cara orgânico, naquela época da ditadura, o que eu vi, posso dizer claro para vocês, não tinha ninguém ali daqueles grupos de esquerda, LN, MR8, infiltrados, agora, o que existiam eram posições, defendiam posições de esquerda nesse sentido, achávamos o Brasil um país injusto, como a maior parte das pessoas eram do povo, o povo era quem mais sofria as injustiças; a gente estava a favor da liberdade de imprensa, liberdade de informação. Aliás, a polícia, a imprensa nos empurrou, a Gaviões, mais para a esquerda, porque como a imprensa e a polícia tratavam uma organização do povo, mostrou para gente que a direita não gosta de povo organizado, quem está no poder não gosta de povo organizado. Desde o Miguel Martinez, desde o Wadih Helu, desde a mídia, ninguém gosta. O povo está lá para... Aquela coisa, o povo serve para trabalhar e para servir, não serve para governar e não serve para decidir. Acho que a minha formação política eu devo muito a minha história na Gaviões da Fiel, fui percebendo isso, que os poderes instituídos no Brasil, não gostavam da nossa organização, aí eu vi que era importante.

J.F. - Esse momento crucial que o Martinez tentou cooptá-los, você chegou a ser também...?

F.M. - Não, ele não falou comigo, ele pegou os mais juvenzinhos. Não eu, o La Selva, o Joca. Nem sei em que momento foi isso, talvez um dia o Claudio possa, que é um cara muito bacana hoje, de posição progressista, de esquerda, mas na época o Claudio devia ter 14, 15 anos, ou o Raul que é outro cara bacana, era coisa de garoto, “então vamos formar uma torcida bacaninha aqui, vamos dar ônibus para vocês”, a gente tinha dificuldade financeira, não é? Como a gente vivia? Aí formava os carnezinhos lá, o cara fazia uma contribuição, quem do povão pode contribuir, não é? Então... e aquilo foi tomando uma dimensão tão rápida, daqui a pouco virou bloco de carnaval, virou escola de samba, um troço gigante. Como eu comecei a militar na política, jornalismo, política, eu me afastei. Aí que está, eu nunca gostei dessa coisa de ter

interferência política, a Gaviões virar uma força, e que forças políticas de fora tivessem poder lá dentro. Porque a gente justamente foi criado para derrubar alguém que usufruía do nome do Corinthians para se beneficiar politicamente. Então eu pessoalmente, eu nunca gostei do jogo político. Então se eu senti que começa a ter um jogo político dentro da Gaviões para você interferir, para ter poder de um partido ou... eu continuei frequentando estádio, indo nas caravanas, mas sem participar mais da direção da Gaviões da Fiel. Aquela coisa, já cumpri meu papel, agora meu papel político é fora, é no jornalismo e na política. Eu não quis misturar as coisas. Tanto que nunca levei candidato lá, toda minha área, entrada para o PT, tendo feito vários campanhas, nunca levei Suplicy, Erundina para sede para dizer esse aqui é meu candidato, vamos apoiar. O máximo que eu fiz quando a Luísa Erundina ganhou eleição, tinha um jogo Corinthians e Santos, já tinha ganho a eleição, e eu falei para o pessoal da Gaviões, olha, acho que vou levar a Luísa no meio de vocês aí, vou levar no estádio, e liguei para o Cosme e Damiano que era o presidente da torcida jovem do Santos que eu conhecia, conheci o Cosme preso comigo, numa briga no Pacaembu, dentro do chiqueirinho do Pacaembu, acabei ficando amigo dele, briga de futebol, se brigava muito naquela época. Uma briga mais saudável, mais até do que MMA, ninguém saía arrebentado como no MMA hoje transmite ao vivo, até pelo Galvão Bueno, permitido totalmente. Então fui eu, o José Eduardo Martins Cardoso, que era o atual ministro da Justiça, levei meus dois filhos que eram pequenos na época, Rodrigo e Guilherme devia ter três ou quatro anos de idade, e nós fomos para o estádio com a Luísa, acho que Fleury era governador do estado ou secretário de segurança, encaminharam a gente para aquela tribuna do Pacaembu, onde ficam as autoridades. Aí eu já tinha combinado com a Luísa, no intervalo do jogo, nós vamos descer, desce pela numerada ali, passa pelo tobogã, onde está a Torcida Jovem, e depois vamos lá para o meio da Gaviões. Desci eu e ela, Suplicy também estava, aí descemos. Eu me lembro que o Fleury ficou horrorizado, “imagine, meio do povo, prefeita...” aí descemos pela numerada, o pessoal da numerada nem notou muito, passamos pela grade ali, o policial abriu, nós fomos pelo meio da Torcida Jovem. Fomos bem recebidos, a Luísa entrou no meio da Torcida Jovem do Santos foi bem recebida, depois descemos pelo tobogã, passamos para o lado da arquibancada e fomos indo para o meio da Gaviões. Aí os caras já estavam “ão, ão, ão, Erundina é Gavião”, vestiram uma camisa da Gaviões nela, levantaram, farra, era o povão que tinha elegido ela. Aí continuamos dando a volta, quando chegamos na frente da numerada, para subir a numerada, aí jogaram bisnaga de ketchup do cachorro quente, vaiaram, então estava ali essa luta de classe que a gente fala hoje, que o Brasil

está dividido hoje. Divisão sempre teve, o pessoal a numerada... se a Dilma aparecer lá, iam falar, ei Dilma vai tomar... então essa divisão sempre existiu, foi muito bem recebida no setor popular no estádio e mal recebida no setor de maior poder aquisitivo. Então essa foi uma interferência nossa política. E de política assim, a gente participou muito da campanha das Diretas, levava sempre “o presidente quem escolhe é a gente, Diretas Já”, nos estádios, na época da campanha da Anistia eu trabalhava na *Veja*, no tempo que a *Veja* era uma revista que dava para ler, hoje se você tiver o azar de comprar, a insensatez de comprar na banca, usa para embrulhar o peixe estragado ou joga no lixo. Porque realmente não dá para ler nada da *Veja*, atualmente, mas enfim, nos anos que eu trabalhei lá, de 74 a 79, onde eu aprendi a ser jornalista, ali tinham pessoas de excepcional qualidade dirigidas pelo Mino Carta. O Antônio Carlos foi repórter junto comigo, ele falou, “Chico, vai ter Corinthians e Santos agora, semifinal da Paulista no Morumbi”.

J.F. - 79?

F.M. - Acho que 79, finalzinho. “Vamos fazer uma faixa da Anistia e vamos levar, você acha que dá para levar na Gaviões?”, claro que dá, vamos falar com os caras lá. Você faz a faixa, eu te encontro na porta do estádio, já aviso o pessoal da bateria, tenta esconder dentro do tambor da bateria, vamos abrir na hora que os times estiverem entrando em campo, com o estádio lotado. Aí os fotógrafos focalizam a manifestação da torcida, a gente já deixa vazar informação para alguns fotógrafos, que vamos apresentar uma coisa diferente, e aí quando a polícia chegar já foi fotografado. Nesse dia até deu um problema em casa com minha mãe, cheguei atrasado, cheguei com o coração na garganta, mas peguei, pusemos dentro dos tambores, passou pela revista policial, lá dentro abriu e na hora que os times entraram em campo, abriu lá. Sei que essa foto ficou ampliada no Dops muito tempo lá tentando identificar os... Eu fui até como jornalista uma vez lá entrevistar o Romeu Tuma, acho, vê se me achava ali no meio da... estava meio de costa segurando... Aí abrimos, foi fotografada. Quando a polícia chegou, já tinha enrolado a faixa, indo de um degrau para outro, prenderam uns caras, mas não pegaram nem a mim nem ao Fon, então sempre teve uma...

J.F. - Chico, desculpa, mas quer dizer que essa foi uma iniciativa sua e do...

F.M. - Do Fon, mas com a concordância total da direção da Gaviões. Essa história está retratada até num livro do Perseu Abramo, uma entrevista com o Fon, ele relembra essa história.

J.F. - O Fon é...?

F.M. - Antônio Carlos Fon. Era corintiano, não era da Gaviões, mas era repórter da *Veja*, meu colega de *Veja*. Ele é irmão do Aton Fon que foi preso político, tudo isso. A ideia foi do Fon, falou para mim, “o que você acha, dá na Gaviões? Você que é lá da cúpula”, “pô, claro que dá. Todo mundo ali vai topar”.

J.F. - Não teve nenhuma oposição dentro da Gaviões?

F.M. - Nada, nada. Nem na hora lá, todo mundo estava... o Arthur Timerman que é um médico infectologista conhecido, era da Gaviões, nos ajudou ali, Manchinha, todo mundo. A Gaviões sempre foi de esquerda. Vira e mexe eles me chamam lá para receber os novos sócios, fazer umas palestras para contar histórias, eu o Julião, Manchinha, são os caras da antiga como eles chamam, da velha guarda. De vez em quando me chamam na sede para bater um papo com a turma mais nova, para contar as histórias. E sempre, é unânime, repetimos aquilo que é um pouco a ideologia da Gaviões, isso que difere a Gaviões um pouco das outras torcidas organizadas. As outras torcidas organizadas surgiram, claro, primeiro ponto para tentar brigar com a Gaviões porque, aquela coisa, cansavam de apanhar da Gaviões da Fiel, aquela coisa muito de torcedor só, e não existe essa coisa.... não política no sentido da política partidária, não existe nas outras organizadas essa questão de ter uma preocupação de politizar o sócio para que ele entenda o papel dele na sociedade, entenda o papel da torcida organizada no Brasil, na sociedade brasileira. É diferente, não é igual, não é que o torcedor é melhor ou pior, é diferente. Desde o início a Gaviões teve... ela surgiu para isso, e ela continua existindo, mesmo com todos os erros que foram cometidos ao longo dos anos. Cometemos erros ao longo dos anos e vamos... Se perguntar para mim, qual a diferença da Gaviões em 1969 a hoje, na questão a violência. Em 69 quantas pessoas morriam assassinadas em São Paulo no fim de semana? Uma. Hoje são 50. Não é a Gaviões que mudou, a sociedade mudou. Não é a torcida organizada que... Parece que ela é a responsável, mas ela apenas reflete a violência que nós vivemos na sociedade. No meu tempo de garoto, a gente brigava, saía na rua brigava, mas nunca presenciei durante anos da minha vida um fato de você pegar um palmeirense, um são-paulino, coitado, caído no chão e dez pessoas ficarem chutando, batendo no cara. Não existia isso. Ao contrário, tirava a camisa, dava uns tapas, quebrou dente, as vezes em conflito grande de 50 contra 50, nunca vi ninguém... Até os primeiros dez anos da Gaviões, morrer alguém, alguém sair todo arrebentado, com fratura no crânio, não existia isso. Tirava a camisa, tirava a bermuda, para deixar o cara ir de cueca para casa, era uma coisa mais... mas porque era uma coisa mais adequada a época. Hoje a violência está banalizada, mas não está banalizada na sociedade, está banalizada nos

meios de comunicação. O que é o MMA? Aparece no horário que criança está assistindo, alguém enfiar cotovelada na cara do outro, e aquilo é permitido, é arena dos romanos, pô. Então, quantos tiros e mortes são disparados por dia na televisão brasileira? Que é o maior formador de opinião da sociedade brasileira. A violência está banalizada na periferia, o garoto sai de casa vê um cara morto ali. Então acha que isso não tem reflexo? Da onde vêm essas pessoas que formam as organizadas? Vêm da Suíça, da Noruega? Vieram da cidade de São Paulo e outras cidades a mesma coisa. Então a torcida organizada apenas reflete... O que eu acho que existe... claro, aí aquela coisa, eu acho até errado, como o Ministério Público e a polícia militar faz hoje? Essa coisa que não pode mais ter divisão no estádio, então um clube manda um jogo e só tem mil lugares para a outra. Aí a polícia vai escoltando mil pessoas que vem junto. Aí você forma um exército. Aquele ambiente que só mil pessoas vêm caminhando por quilômetros em direção ao estádio, fomenta um sentimento de... é o gado sendo tocado num espaço pequeno. Aquilo fomenta a violência. Eu acho que a melhor maneira de você conseguir combater a violência é haver uma parceria do setor público e do setor privado com o dirigente da entidade. Porque o dirigente da entidade é o que o associado ouve. Eu vou contar para vocês um episódio, não é muita gente que sabe. Eu acabei sendo secretário de comunicação da Luísa Erundina, em 1990, 91... e naquela época a Federação Paulista de Futebol fez um acordo com antiga CMTC, que era a Companhia Municipal de Transporte Coletivos, companhia principal de ônibus, e ela fornecia os ônibus, o preço do aluguel da CMTC já estava embutido no ingresso. Ia ter Corinthians e Palmeiras no Morumbi. Os ônibus da CMTC saíam da estação da Luz em direção ao Morumbi, e os ônibus da torcida do Palmeiras saíam da Praça da República ou da Praça da Sé, e era grátis. Não é que era grátis, o torcedor pagava, aquelas duas vias iam. E começou, o Paulo Sandromi que era o presidente da CMTC, do governo Erundina, pediu para a prefeita que parasse com esse convênio porque muitos ônibus estavam sendo depredados e isso prejudicava a população no dia seguinte que ia usar o ônibus. Eu falei, Luísa, vamos fazer o seguinte, antes de tomar essa decisão, vamos chamar uma reunião aqui no gabinete dos presidentes das torcidas organizadas, a polícia militar, a guarda civil metropolitana, os presidentes dos grandes clubes e a Federação Paulista de Futebol e vamos discutir esse assunto, e a Luísa com a cabeça aberta que tinha, topou. Foi um espetáculo. Porque ali, o seguinte, todo mundo falou igual. O que os presidentes das organizadas revelaram? A CMTC quando mandava os ônibus, mandava 200 ônibus para ir, aí o que acontecia, como o jogo terminava tarde, ou a noite, mesmo no domingo, a maior parte

dos ônibus, antes mesmo do jogo terminar, já iam embora. O motorista ia ter que circular no dia seguinte, então tinha 200 ônibus para ir e 50 para voltar. A depredação ocorria na volta. Os caras quebravam os vidros para poder entrar que não cabia mais gente dentro, se fez uma crítica muito grande a atuação da polícia que em vez de organizar as filas, no final baixava o cacete em todo mundo. O Matheus foi na época; a reunião foi ótima, os torcedores puderam falar livremente. Surgiu a proposta de que o mesmo número de ônibus que fossem retornassem; os torcedores organizados, foi uma proposta minha, topassem gravar vídeos propondo uma estratégia de comunicação para diminuir isso, esses vídeos, esses comerciais seriam veiculados gratuitamente nas emissoras que topassem entrar, e eventualmente uma ou outra que não topassem, a prefeitura bancava tanto a produção dos vídeos quanto o pagamento da veiculação. E as polícias militar e civil faziam um convênio, elas estariam postadas no percurso, a cada dois ou três quarteirões teria uma viatura ou da polícia militar ou da polícia civil, no percurso dos ônibus, para que se tivesse alguma depredação o motorista pudesse parar o ônibus e a polícia prender. E as torcidas organizadas se encarregariam e fazer as faixas e informar aos associados que o ônibus que leva ao estádio é o ônibus que te leva ao trabalho, então não deprede aquilo que te leva ao trabalho. Bom, fizemos a campanha na televisão, era um cara da TUP com um cara da Camisa 12. O cara da TUP falava assim, “palmeirense, não quebre o ônibus que leva ao Morumbi no dia do jogo, porque se quebrar esse ônibus como os corintianos aqui vão ver o nosso verdão deitar e rolar em cima dos corintianos? E além do mais, não esquece que esse ônibus no dia seguinte que te leva ao estádio, é o ônibus que vai te levar ao trabalho”. E foi assim, sem tirar a rivalidade... “não quebre, se não os bambis não ver a gente...” deu supercerto, o índice de depredação caiu a zero. Foi a única iniciativa. Isso foi até o fim do governo Erundina, funcionou bem, não teve problema. Então assim, quando você chama para discutir e faz eles assumirem a parte da responsabilidade deles nisso, é muito importante. Agora, os episódios de violência muitas vezes ocorrem porque existe uma total inoperância da polícia na punição dos eventuais episódios de violência. A mesma coisa, tem um crime num bairro, se o criminoso não é pego, o cara vai querer fazer justiça com as próprias mãos. É o que ocorre normalmente nas organizadas.

J.F. - Chico, como você tocou nesse assunto, quando surge a Gaviões, você se recorda nos primeiros momentos da organizada, enfrentamentos com a TUP em jogos no Parque Antártica, no Pacaembu, isso foi de imediato?

F.M. - É, já existia essas briguinhas, como chega com camisa do Corinthians outro com camisa do Palmeiras. Se tivesse indo para o Parque Antártica, se encontrasse um grupo de palmeirense... claro que não é com o ódio que a gente vê hoje, isso que... A sociedade brasileira está se tornando uma coisa... isso... muito mais movida pelo ódio do que pelo amor. A Gaviões da Fiel surgiu pelo amor ao Corinthians, não pelo ódio aos outros. É uma diferença. O que eu estou sentindo cada vez mais no futebol, cada vez mais está se alimentando o ódio, não amor. E isso, infelizmente, os programas esportivos contribuem, os dirigentes contribuem. Você quer fazer uma campanha bacana hoje de televisão, eu pego você aqui, senta do meu lado, você abre a câmera, eu digo, esse aqui é o Antônio, meu amigo de infância, um cara bacana pra caramba, meu companheiro de futebol, de cerveja, meu irmão, só tem um defeito, é palmeirense. Mas não é por causa disso que eu quero matar nem dar porrada nele, eu quero que ele continue no Palmeiras para eu poder tirar um sarro dele depois do jogo. Qualquer agencia de publicidade faria isso com uma maestria muito grande. Com os milhões que são gastos no futebol, isso podia ser patrocinado pelos patrocinadores do futebol, pelas federações, é fácil você vende uma imagem que o torcedor contrário não é teu inimigo, ele é um adversário, você pode conviver com ele, você não precisa querer matar o cara só porque ele está com a camisa do outro time, você está em 50, você vai lá e mata o cara! Ele podia ser amigo do meu irmão. Então ocorrem crimes, são absurdos, porque as pessoas estão sendo movidas pelo ódio. Naquela época, eu garanto para você que a gente não era movido pelo ódio, era diferente, mas não que era nós da Gaviões ou os palmeirenses da TUP ou são-paulinos da torcida, não era Independente, era Torcida Uniformizada do São Paulo, tinha o Hélio Silva que era o lutador, já brigamos com ele. Eu lembro uma vez, eles estavam saindo do Pacaembu pelo portão de trás, e nós pelo portão da frente, aí foi um grupo nosso lá para tomar as bandeiras deles, era um troféu, mas ninguém saia de lá para o hospital. Claro, eu tomei porrada, já quebrei costela brigando com palmeirense na entrada do Morumbi, mas nada grave, nunca ocorreu nada grave. Perfurei o tímpano perfurado brigando com a polícia no jogo Corinthians e Vasco, tem um histórico de briga. Mas não era nada grave, com sequela para sua vida, porque a sociedade era mais suave, a convivência era mais harmoniosa. Até na política agora a convivência está ficando... A pessoa odeia, odeia o nordestino, odeia o paulista, odeia... as pessoas estão esquecendo que o que move o futebol, e o que move a sociedade é o amor por alguma coisa, e não o ódio por alguma coisa. Se houvesse um esforço sério para minimizar a questão das organizadas, seria possível. Vou dar um exemplo clássico. Agora, Copa do Mundo, o que se falava antes? Estádio que não tem

fosso, que não tem grade, que não tem alambrado, cerca eletrificada, jacaré, cara com metralhadora, a torcida vai invadir, vai quebrar tudo. Teve alguma invasão até agora? Não na Copa, público de Copa é diferente, não é um público que vai normalmente do povão ao estádio, é um público que tem mais poder aquisitivo, então tudo bem. Mas começou campeonato brasileiro, teve algum problema? O Corinthians já perdeu duas vezes na Itaquera, invadiram? Uma coisa de qualidade todo mundo cuida, todo mundo tem responsabilidade. Eu acho que essa coisa de tratar o povo como gado é que está complicado. Então eu vejo assim, “torcida organizada é gado, é perigoso”, povo organizado, a gente é chamado de bandido em todos os programas esportivos “bandidos, marginais”. São os bandidos e marginais que acompanham o clube em todos os lugares, que às vezes deixam de comer ou de comprar alguma coisa para ir. Foram 40 mil bandidos para o Japão? Ali não era bandido? Então eu acho assim, é o desprezo que a mídia trata o povo. Tem cenas horrorosas? Tem, horrorosas. Mas tem cenas horrorosas não é só no estádio de futebol, o cara ficar lá no estádio, em Joinville, os vascaínos chutando a cabeça de um cara do Atlético Paranaense caído no chão. Tem japonesa rica que corta o marido em picadinho, não cortou, botou dentro de um saco? Isso não depende de classe social. Então precisa haver punição para isso. Se houver punição, se esses casos... a cada caso de violência, torcida organizada, onde os organizadores daquela violência não são punidos, vai haver um troco lá para frente, porque se espera atuação da polícia, ela não vem... Tivemos um caso específico na Av. Inajar de Souza, quando foram mortos infelizmente dois rapazes do Palmeiras. Porque um ano antes tinha havido uma morte de um rapaz da Gaviões da Fiel, espancado brutalmente, passaram com a moto duas vezes por cima dele, jogaram no rio Tietê, como ele era filho de um pedreiro, uma pessoa humilde, não deram bola, nem a polícia investigou, não aconteceu nada. Um dia, eu sou contra, eu jamais participaria de uma coisa dessa, mas um grupo de torcedores do Corinthians, alguns da Gaviões, outros não, se organizaram para enfrentar os palmeirenses e ir para o troco, e vai haver troco... Nesse último conflito que teve agora na Via Anchieta, os caras da Mancha Verde quiseram parar a Via Anchieta, parar a Via Anchieta o risco é ser atropelado, foram lá para parar a Via Anchieta para se vingar de um apedrejamento que teve num outro... Quer dizer, quando não há punição, você vai... E a melhor maneira para isso, é você estender a bandeira da paz, chamar para o diálogo os dirigentes, tentar... porque senão vira Palestina e Israel. E que eu saiba ninguém quer acabar com a Palestina e Israel. As torcidas organizadas funcionam hoje como a Palestina e Israel. E a mídia não fala, vamos acabar com Israel, vamos acabar com a Palestina, só os radicais dos

dois lados é que querem. Os radicais palestinos querem acabar com Israel, e os radicais israelenses querem acabar com a Palestina. Vai ter solução isso? Nunca, se não houver um esforço de paz. Esse enredo é o mesmo para as torcidas organizadas.

F.M. - Para retomar o fio da meada...

B.G. - Eu queria perguntar sobre a fundação, como funcionou? Vocês fizeram uma ata, tinha pré-requisito para as pessoas entrarem, já que vocês tinham essa ideia de formar politicamente?

F.M. - Fizemos lá umas fichinhas, foi feita uma ata da fundação para registrar, o Flávio foi cuidar do registro com o nome de Gaviões da Fiel, acho que foi o Flávio que fez isso, e começamos a fazer umas fichinhas. O cara trazia fotografia, preenchia lá nome, RG, não lembro quanto dava de contribuição, o equivalente hoje a R\$10 por mês. Aí tinha o financeiro que cuidava, juntava o dinheiro, o dinheiro ia basicamente para aluguel de ônibus para ir para o estádio ou quando ia viajar fora, comprar camisa, encontramos lugares para fazer a camisa depois do modelinho pronto. O primeiro modelo não era uma branca com o gavião preto, depois que virou preto. A gente fazia as camisas e cada um comprava. Que nem time de futebol, vamos se reunir, cotizar aí faz uma quantidade maior, os associados novos... E não é que o cara entra de sócio, ele entra de sócio, até hoje é assim, a gente passa um pouco o que é a ideologia da Gaviões. Não que ele entra lá, vai passar pelo corredor polonês, vai tomar porrada, isso é a Gaviões. Não, é diferente. É interessante um dia, se fosse para ver o que é uma reunião de grupo, a gente passa a história da Gaviões, para que ela veio, qual é o papel dela, e a gente precisa ser respeitado. Acho que a melhor maneira de você evitar a briga é ser respeitado. É isso que todas as torcidas deveriam seguir nesse caminho. A gente respeitar o direito da Mancha Verde existir, respeitar os dirigentes da Mancha Verde e seus associados, os da Independente, da Torcida Jovem, mas virou um troço hoje... Também o volume é tão grande de torcedor que você não consegue controlar. Na Gaviões existe essa... dificilmente sai de dentro da Gaviões vamos fazer uma emboscada... No meu tempo de garoto eu lembro disso, eu lembro de uma rodada dupla no Morumbi, Santos e Corinthians jogavam com outros times, o Santos era o primeiro jogo, o Corinthians o segundo. E a gente estava com uma bronca dos caras da Sangue Santista, que em Santos tinham invadido a sede da Camisa 12, batido nos meninos da Camisa 12, então a gente queria pegar os caras.

J.F. - Você lembra que ano foi isso?

F.M. - Faz muito tempo, eu devia ter 22 anos, 23, em 74, década de 70 com certeza. Aí a gente combinou no intervalo, de um jogo para o outro, a gente tirava todos a camisa da Gaviões,

íamos pelo corredor central dos bares, fomos nuns 20 gritando “Santos...” até onde estava a Torcida Jovem para bater nos caras, brigar. Tinham essas coisas, era meio folclórico até isso aí. Hoje se faz um negócio desse vira morte, atira o cara lá de cima. A gente nunca atirou ninguém em cima. A coisa da droga começou complicar, porque quando começou entrar droga, claro, em qualquer associação que existe, quando entra a droga, entra o tráfico junto, onde há muita gente... na universidade entra droga. Não é, “nossa, tem droga, descobriu droga na sede das organizadas”, porra. Vão dar batida em alguns apartamentos dos Jardins, vai achar também, então... tem um estereótipo, isso que eu defendo. “É o povo, tudo que é o povo...” qualquer briga que tem, é da organizada, não é, já é torcida organizada, você nem sabe se é. Então tinha coisas desse tipo na época, torcida do Santos, naquela ponte do Morumbi, quando termina o jogo eles param o ônibus ali e ficam esperando os corintianos passar lá para arrancar a bandeira, arrancar a camisa, bater, então vamos lá. Sai do jogo mais cedo, se esconde atrás de uma padaria lá que tem uma pilha de lenha, põem uns dois moleques lá com a bandeira do Corinthians atraindo o ônibus parar, quando o ônibus da Torcida Jovem para, a gente sai de trás para brigar com os caras, tinha essas coisas. Não vou dizer que... não recomendo ninguém fazer isso, porque hoje o nível de violência é grande. Acho que eu tive muita sorte na vida que eu nunca me arrebentei muito nessas brigas. Claro que tem um lado do jovem, tem uma adrenalina. Hoje é eu falar com 64 anos, quando tinha 20 e poucos, achava bacana brigar, não é? Por isso que eu digo, é preciso ter o dirigente da organização para dizer o seguinte “viemos aqui para torcer, mais importante do que arrancar a camisa do outro, a gente vibrar com a nossa camisa”.

J.F. - Chico, ainda em cima dessa questão você lembra do primeiro estatuto da Gaviões, e eu tenho lido que esse estatuto foi, de certa maneira, copiado do próprio estatuto do Corinthians, com conselheiros?

F.M. - Isso. Tem um conselho. Eu sou conselheiro vitalício, eu fui agora, quando a gente foi entregar os diplomas para os novos conselheiros, estive na Gaviões para entregar... Vai trocar.

[FIM DO ARQUIVO I]

F.M. - Você queria perguntar sobre o estatuto, é isso?

J.F. - É, vamos retomar, por favor, porque essa é uma questão importante para a gente entender o funcionamento da Gaviões. Como é escolhido o presidente da Gaviões, o modelo utilizado

para fazer estatuto, e se você se recorda dessa alternância de poder? Porque o primeiro presidente foi o Flávio La Selva, aí começou a...

F.M. - Bom, desde o início a Gaviões tentou se organizar até juridicamente. O Flávio La Selva cuidou de fazer esse estatuto meio parecido com o estatuto do Corinthians, formar um conselho, ter eleições periódicas, a cada dois anos renova o conselho, o Flávio que cuidou mais disso que ele era estudante de Direito na época, e tem as várias diretorias, diretoria de bateria, diretoria das bandeiras, diretoria do carnaval, ele é gerido por um conselho que se reúne, aliás, segunda-feira, dia 3 de novembro vai ter mais uma reunião do conselho da Gaviões, geralmente uma vez por mês o conselho se reúne. O conselho se renova a cada dois anos, várias chapas, quantas forem necessárias, possíveis se inscrevem; ultimamente tem tido um quórum de dez mil associados, não é obrigatório, mas é uma baita movimentação lá na Gaviões, e o conselho que elege o presidente. Sempre a maioria do conselho elege o presidente, se não me engano. Não sei se chegou uma época a ter eleição direta, realmente eu não tenho certeza absoluta, se chegou um período, principalmente no começo quando tinha pouca gente, não eram eleições diretas para presidente. O que há sempre é uma alternância de poder, não existe reeleição. Há sempre uma rotatividade, a cada dois anos muda, não fica o mesmo presidente, não tem essa possibilidade, pode até eventualmente voltar depois, mas não me lembro de nenhum que tenha voltado. Foi Flávio, Magrão, agora o BO que é o atual presidente, esse alemão Alzheimer me faz esquecer os nomes, conheço todos, mas não me lembro do nome de todos. Existe essa preocupação com a alternância do poder, foi o que a gente exigiu do Corinthians, a gente não ia repetir na Gaviões aquilo que nós tanto criticávamos. Então, nosso lema: humildade, lealdade e procedimento, é justamente a humildade da gente encarar todas as pessoas iguais, o procedimento de proceder dessa maneira e de não proceder da maneira como os dirigentes do Corinthians antigamente procediam.

J.F. - Você tem lembranças dessa vivência na sede da Santa Efigênia, o debate ali era aberto? Fala um pouco dessa...

F.M. - Sempre na Gaviões tudo foi discutido... Para eu mostrar para vocês uma figura, é como numa mesa de bar, a gente discute as coisas abertamente, as mais diversas posições possíveis. Eu sempre vi essa discussão florescer muito. Porque na verdade a Gaviões nada mais é do que o reflexo da vida das pessoas no seu bairro, no bar, na sua organização, você leva para dentro da Gaviões; você não tem um procedimento diferente lá, ela não é um partido político que tem regras diferentes das regras da vida normal. Então as pessoas se portam lá como elas se portam

na vida normal, para o bem ou para o mal. Não é uma organização diferente do que é a vida real, acho que essa é a força dela, por isso ela cresce. Ninguém se sente intimidado e incomodado de como a Gaviões funciona, porque a Gaviões, todo mundo diz, é a minha segunda casa, para alguns é até a primeira. Claro que eu sou da turma mais velho, frequento menos ainda, quem faz a grandeza da Gaviões é justamente essas gerações novas que vão se sucedendo, porque entram com uma garra tremenda. Os outros vão ficando mais velhos, obrigações de família, profissional, vai afastando você um pouco do dia a dia da Gaviões, e as gerações novas vão entrando e aquilo vira a coisa mais importante para elas, como virou para mim quando eu tinha 19 anos de idade. Então elas vão sucedendo, e isso é legal, não tem feudo lá dentro, não tem cara que está lá sentado na cadeira há anos, mamando há anos lá dentro, se acomodando, tem sempre uma geração nova chegando, cobrando também da Gaviões, atitudes da Gaviões. Teve um episódio recente, eu lembro, os torcedores invadiram o CT do Corinthians, a imprensa deu aquilo “fizeram a um buraco na cerca e entraram, invadiram o CT do Corinthians”. Eu não invado o que é meu, eu vou no que é meu, aquilo é meu, aquilo foi construído com o dinheiro dos corintianos. Sou contra entrar lá esganar o jogador, querer bater, isso não. Nós invadimos o Parque São Jorge em 1971 para derrubar o Wadih Helu, foi só invadindo o Parque São Jorge para conseguir eleger o Miguel Martinez e derrubar o Wadih Helu. Então eu não considero isso uma invasão, invasão de propriedade, é propriedade dos corintianos, fomos nós que pagamos aquilo ou diretamente, ou através dos ingresso, ou como associado do clube, ou como massa que proporciona os valores astronômicos de patrocínio que o clube tem, então é nossa propriedade, não vejo... “invadimos...”, sou contra ato de violência com as pessoas. Agora, o portão está fechado, vai arrombar o portão para cobrar dos jogadores, que ganham milhões, uma atitude, não cobrar que o cara jogue bem ou jogue mal, que ele se esforce, que ele dê o sangue correndo, como o torcedor faz, dá seu sangue elogiando o jogador. Eu sou contra cobrança de violência, querer bater no jogador, isso é uma bobagem tremenda, é contra produtor de isso. Agora, cobrar, sentar, “os dirigentes abriram as portas para a Gaviões, os jogadores, que absurdo, fizeram uma reunião com os dirigentes da Gaviões”, por que? É o normal. O que está acontecendo dentro do time? Nós queremos saber, tem dois grupos, tem um grupo que está encostando o corpo? Importante a gente saber. O salário está atrasado? Nós fazemos parte dessa associação. Eu acho isso saudável. Por isso eu acho que a mídia não gosta, porque tudo que é organizado cobra, e tudo que cobra pode exigir resultado. E isso é ruim para

quem está no poder, de alguma maneira ninguém quer ser incomodado, eu quero continuar fazendo as coisas do jeito que eu quero sem ser cobrado por nada.

J.F. - Você se lembra qual o jogador que tinha maior interlocução com a Gaviões, que frequentava e discutia essas questões?

F.M. - Olha, eu acho que o Sócrates foi uma pessoa... aquele período Sócrates, Casagrande, Vladimir, aquele foi um período muito diferente, então essa interlocução era muito fácil naquela época, o Palhinha, sempre os jogadores tiveram uma relação com a Gaviões, nunca foi ruim. Eventualmente teve algum período, pega o jogador de Cristo... também tem os bodes expiatórios. Às vezes se armam situações, porque o jogador quer ser vendido, aí o empresário tem a habilidade de armar situações para criar um problema do jogador com a torcida e daí o dirigente diz, foi a torcida que mandou embora, não fui eu. Para ele poder ganhar aquela comissão na venda do jogador, porque rola muito dinheiro, então... Eu acho assim, o estádio não é um teatro, não gosto desse nome arena, não é arena de luta e nem teatro. Estádio é um campo de futebol, campo de futebol vive de emoção, não é para todo mundo ficar sentado, “gol, uhh...”, não é, futebol é emoção, você pular, gritar, vibrar, por a mão no ombro do outro, ficar dançando poropopó, o futebol vive disso. Legal que essas arenas todas foram construídas, bacanas, achei muito bom tirar de trás dos gols, na Arena Corinthians tirar as cadeiras. O torcedor que vai lá não gosta de ficar sentado, ele gosta de ficar de pé, de vibrar, fica chato, fica todo mundo sentadinho ali. O futebol vai perdendo a sua essência, são os gritos da torcida, animação, as bandeiras, o papel picado.

J.F. - Chico, falando desse comportamento do torcedor, você lembra desse grupo que os Gaviões, houve mudança de quando você começou a frequentar os estádios com seu pai, com seu avô, você lembra, os torcedores ficavam sentados, como era esse primeiro grupo dos Gaviões? Começaram a ficar de pé, criar música?

F.M. - Mesmo quando a gente frequentava... Antes de existir a Gaviões, a parte central da geral do Pacaembu ou a parte debaixo do Morumbi, é onde você ficava de pé gritando o tempo inteiro, cantando Corinthians, inventava umas musiquinhas, sem ter nada organizado, era uma coisa que brotava naturalmente. Quando surge a Gaviões, a gente leva as bandeiras organizadas, bacana, leva o bumbo, tambor, o repique, ia cortar papel picado. Lembro que de manhã cedo ia uma turma lá em casa, ficava colecionando jornal *Estadão*, *Folha* e passava domingo de manhã rasgando os papéis para colocar nos sacos, porque confete era caro, então a gente rasgava para o time entrar em campo e todo mundo jogar. Havia uma disputa, quem

fazia o melhor espetáculo para quando o time entrasse em campo. Dava um orgulho ver que do lado do Corinthians as bandeiras eram mais bonitas, tinha mais bandeira, tinha mais papel picado, tinha balão de gás, tinha... essa coisa da coreografia era importante. Eu acho que com a proibição de entrada de mastro, instrumento, tirou um pouco essa... A disputa parece que vai empurrando só para a briga. De vez ter uma disputa de festa como tem no carnaval. Bacana ter. Você pega a entrada do Corinthians em campo, no recorde de público, no Morumbi, que foi 174 mil pessoas no segundo jogo da decisão Corinthians e Ponte Preta, aliás, o Corinthians perdeu de 2x1, a entrada do time em campo é um troço maravilhoso. Você vê a invasão corintiana no Rio de Janeiro, em...

J.F. - Você estava?

F.M. - Estava, claro.

J.F. - Quais são suas lembranças?

F.M. - As melhores possíveis.

J.F. - Foi com os Gaviões?

F.M. - Fui de trem. A hora que o trem deu o primeiro apito para sair foi “Corinthians”, era o trem inteiro. Era aquele trem de Prata, hotel, que tinha cabines. Saia da estação Roosevelt ou da Luz? E chegava no centro do Rio. Quando parou o trem no Rio de Janeiro, era um mar de corintiano descendo do trem com bandeira do Corinthians, cantando, foi sensacional. Chegar em Copacabana e ver aquela orla marítima inteira de Copacabana só bandeira do Corinthians, cara de calção de lã amarrado com corda, fazendo churrasquinho na praia, calça arregaçada aqui para entrar no mar de Copacabana, sensacional. Os cariocas olhando aquilo ali, o que isso aqui? Invadiram. Os caras tentando botar camisa do Corinthians no Cristo Redentor. Olha, mas o carioca é superbem humorado, talvez se fosse com o Flamengo tivesse sido um conflito talvez maior, mas foi assim muito numa boa com a torcida do Fluminense. Bom, os argentinos no Rio de Janeiro fizeram um pouco disso, e tomaram conta. Mas foi aquela coisa agressiva. Aí que tá, os argentinos vieram aqui, tinham ideia fixa de Brasil, falavam mal do Brasil o tempo inteiro. Acho que um pouco dor de cotovelo de ver as praias lindas, cidades maravilhosas, estádios lindos e eles, teoricamente, numa decadência econômica e cultural. Então tinha uma coisa de bronca de brasileiro. Vieram com aquela musiquinha de *decime qué si siente* lembrando de um jogo do Caniggia, para o brasileiro aquilo não teve a mínima importância, mas eles tinham aquela ideia fixa. Eu senti isso, os argentinos vieram aqui mais com ódio do Brasil do que por amor pela Argentina, por isso que deu tanta confusão. E naquela época nós fomos para o Rio

de Janeiro por amor ao Corinthians, não era por ódio ao Fluminense. Então não teve grandes conflitos. Entrar naquele estádio, ver o estádio dividido literalmente meio a meio, não só arquibancada, arquibancada, numerada, as cadeiras e a geral. Foi um troço que não vai existir mais, como não vai existir mais 40 mil caras atravessarem continentes para ir até o Japão. Então são movimentos muito de amor. Se eu pudesse dar um... jamais um palmeirense, são-paulino, santista vai aceitar um conselho de um corintiano, ainda mais fundador da Gaviões, mas se eu pudesse dar eu daria, vibra mais, ama mais o seu time, ascende a tua estrela, não tenta apagar a minha, é a melhor maneira de você diminuir os conflitos, a violência se preocupar mais de fazer uma festa para seu time do que tentar pegar o torcedor lá fora, e de repente o torcedor que você vai pegar lá fora é um baita de um cara legal que poderia ser seu amigo. Eu acho que isso... Mas precisaria ter um esforço de comunicação com um todo para isso, dos meios de comunicação, dos jornalistas. Os jornalistas botam uma pilha, na semana do clássico, a rivalidade histórica, põe na televisão cenas de violência. Aí o cara vai para o estádio com exército do lado, carabina na frente, a polícia, aquele grupo todo junto, aí os que estão lá ficam na esquina esperando, na hora que vão passar... Eu acho esse clima de guerra, era melhor quando... você tinha caminhos alternativos. Normalmente a torcida do Corinthians vai pelo Morumbi, vai entrar pela Giovanni, vai mais pelo lado da Cidade Jardim, Nove de Julho, a outra vai pela Rebouças. Podia ser mais... eu acho que essa segregação... tudo que segrega vai ficando cada vez mais violento.

J.F. - Chico, você lembra, falando de rivalidade, a gente comentou 76. A final 74, Palmeiras e Corinthians, no Morumbi, houve algum conflito depois da derrota do Corinthians?

F.M. - Não. Muita tristeza. Aquilo foi um momento de... Teve dois episódios com o Palmeiras muito triste para a torcida do Corinthians, a de 74 e depois naquela semifinal de Libertadores com o Palmeiras, quando o Marcelinho perdeu o pênalti e o Marcos pegou. Foram dois momentos de tristeza. Em 74 a gente saiu do estádio em silêncio, mas um silêncio de tristeza, assim, o Corinthians estava há tanto tempo na fila, 19, 20 anos na fila, esperava que fosse ganhar. O time nem era tão bom, mas a gente esperava que fosse ganhar. Não houve aquela coisa, vamos pegar os palmeirenses... Por isso que não teve grande conflito na cidade, tristeza de ter perdido um amigo, de ter perdido uma chance na vida, quero em enfiar em casa, me fechar, não quero ouvir mais nada hoje. Agora, com o Palmeiras, aquela final, o Corinthians tinha um baita de um time melhor do que o Palmeiras, era certeza de ganhar, não foi uma tristeza, foi uma tensão; nunca saí de um estádio sentindo uma tensão no ar tão forte, que se

alguém olhasse para o lado o cara ia querer matar o outro. A gente saiu ali um bloco pronto para uma guerra que podia explodir a qualquer momento. Aquele dia teve conflitos com a polícia, com a torcida do Palmeiras, foi um... não foi de ódio ao Palmeiras, mas de ódio... como aquilo podia ter acontecido com a gente? A gente tinha um time melhor, a tal esperada Libertadores, ir para final da Libertadores. Nunca vi a torcida do Corinthians sair tão tensa, com os nervos a flor da pele, pronta para explodir a qualquer... o cavalo da polícia que esbarrasse em você, você era capaz de dar uma porrada no policial que estaca em cima, foi tenso pra caramba, teve muito conflito naquele final de jogo.

J.F. - Em 74, não?

F.M. - Em 74, não. Claro, teve um ou outro. Estou me lembrando desses dois momentos de tristeza grande que teve. Foram completamente diferentes. Um de prostração, outro de pronto de ir para a guerra. Não toca em mim, sabe aquela coisa, o marido que chega em casa, aconteceu tudo errado no dia, não fala comigo. Outro dia você fala, “tô mal, em 74 todo mundo estava mal, estava precisando mais de colo do que de briga, o outro estava precisando de briga para por para fora aquela frustração tremenda que a gente sentiu naquele dia.

B.G. - Como era a relação com as torcidas rivais? As lideranças conversavam, como funcionava isso?

F.M. - No início éramos só nós que existíamos, então, não tinha. Não chegou a ter. A Mancha Verde surgiu, pelo que a gente sabe, pelo que eles contam, surgiu até... “cansamos de brigar, de apanhar da Gaviões, vamos se organizar, se defender”, louvável até, não tem nada de ruim, não tem nenhuma crítica a eles. A torcida uniformizada do São Paulo, às vezes a gente tinha conversa com o Hélio Silva, também tinha muita briga, a Gaviões era muito maior, eles talvez levavam a pior, a Independente parece que veio se organizar para também... Então assim, a Mancha Verde e a Independente vieram com uma mentalidade já, se preparar para uma guerra com a Gaviões. Talvez isso tenha permeado um pouco a formação da Mancha Verde e da Gaviões. Depois teve um presidente da Mancha Verde que foi assassinado, havia uma troca sempre de... Eu não participava muito da diretoria da Gaviões naquela época, estava envolvido com o jornalismo, mas a história que eu sei, que vivia ameaçando algumas pessoas da Gaviões de morte, e um dia dois ou três caras da Gaviões, não se sabe exatamente quantos, foram dentro da sede da Mancha Verde e mataram o presidente da Mancha Verde que era quem mais fazia as ameaças, tal. Aí acho que esse episódio foi muito marcante para começar... foi a primeira morte que ocorreu... isso não foi um episódio saudável para as torcidas, e isso ficou muito

marcado. Agora, elas se reúnem... Existe uma associação de torcidas organizadas, que o Alex Minduin tenta fazer isso, ele tenta, várias reuniões, está se tentando... o objetivo talvez é ver que o inimigo comum não somos nós, existe um inimigo comum das organizadas, eu sempre procuro dizer isso. É que as vezes as rivalidades locais... O Alex talvez queira politizar mais isso, pensa até um dia ter partido as torcidas organizadas, eu não sei se isso é um caminho que eu gostaria que existisse. Eu acho assim, não gostaria de misturar partido com... apesar de eu ser, sempre fui petista, teoricamente teria eu o maior interesse em que... Mas a Gaviões sempre se posiciona numa eleição em quem ela vai votar, isso se posiciona, votou no Haddad, na Dilma, sempre... Não é que ela se posiciona porque a diretoria se posiciona, é que a maior parte dos associados pensa assim. Aquilo que eu digo, a força da Gaviões reflete a sociedade, a realidade que os associados vivem. Sou contra um grupo querer impor uma coisa diferente do que é a realidade dos associados. Naturalmente ela se posiciona porque a maior parte dos associados pensa assim. E tem divergências, não é que obriga, ninguém da Gaviões é obrigado a votar na Dilma, votar no Haddad, no PT, vota quem quer. A direção da Gaviões representa a maioria, ela acha importante esse determinado campanha, essa determinada campanha, porque esse candidato, esse partido vai apoiar o movimento social. Nós tivemos um momento de tensão na questão do movimento do sem teto, lá em Itaquera, que eles queriam lá. Eu até participei de uma reunião, que eu estava por coincidência lá na Gaviões, o BO estava lá, falou “Chico, você não quer participar, o pessoal do movimento está vindo aqui conversar com a gente”. Fizemos uma reunião com eles lá, tentamos convencer. Nós estamos do mesmo lado. Até tem gente nossa da Gaviões, tem muita gente da Gaviões que faz parte do movimento, gente importante da Gaviões, parte do movimento passe livre, a gente só não queria misturar isso. A gente falou, esse é um patrimônio, nosso amor ao... a gente lutou tanto para ter o estádio, não queremos ter o mínimo risco que haja um movimento que vá lá depredar o estádio. Então se vocês forem, nós temos que ir, irmão vai brigar com irmão. Foi conversado bastante isso com eles, eles não desistiram de ir, mas tomaram a decisão de ir próximo, ficaram embaixo, foi gente da Gaviões lá em cima, a gente tinha muito medo que gente de direita que estava se infiltrando no movimento, dessas manifestações tinha gente de direita que queria desestabilizar o governo como um todo, virar o caos, fosse lá para quebrar, virar um baita de um conflito. “Ah, nós controlamos, garantimos todo mundo”, eu falei “vocês não garantem, como nós também não vamos garantir todo mundo que vai estar lá”. De repente... Acabou havendo um entendimento, a bateria da Gaviões foi junto lá com eles, porque no mundo é o mesmo núcleo. O Pulguinha,

um cara importante da Gaviões, faz parte do movimento deles, as vezes o ânimo fica acirrado, “é importante a Gaviões participar...”, “ não, não tem que participar”. É fruto da discussão, é legal, cada um pensa de um jeito, e se chegou a um entendimento. Nem a Gaviões precisou brigar com o movimento de moradia, nem o movimento de moradia brigar com a Gaviões. Teve gente da Gaviões que não gostou, teve gente do movimento que queria que a manifestação fosse na frente do Itaquerao, bem na entrada, foi voto vencido, e teve a manifestação, mas não teve briga, que era o importante. Eu digo isso, é diálogo, quando tem diálogo, ajuda. Eu acho que deveria ter mais diálogo entre os órgãos institucionais de poder de país e as torcidas. A polícia e as torcidas. Aquela coisa, não é que a polícia encara a torcida organizada como inimigo, a polícia militar que vai ao estádio, encara o torcedor comum como inimigo. Você entra no estádio, você é o inimigo. Essa postura alimenta a guerra. Todo torcedor que está indo para o estádio é um marginal para o policial. Não é culpa dele, ele foi treinado para isso, a PM foi treinada, a PM não é uma polícia civil que encara o cidadão, você vê a dificuldade que a polícia do Rio de Janeiro está tendo, o secretário de segurança tem de formar uma polícia pacificadora. Tanto que quem vai para as UPPs, não é o policial normal de rua que é treinado e vai para a UPP, não. Isso eu ouvi do próprio secretário Beltrame. O policial que está na rua foi treinado para a guerra, ele não pode ir para a comunidade e achar o cidadão um cara comum. Vai o Bope para a guerra, a tropa de choque da PM para a guerra. O cara da UPP ele vai para tratar o cidadão, ele é um policial comunitário, é outra visão. Aqui em São Paulo isso não tem, não existe. A PM que vai para o estádio é a tropa de choque, tropa de choque é para ter choque, não é para ter diálogo, não dá para conversar, é porrada, não importa se você fez, não fez. Quantas vezes, quantas vezes na minha vida eu vi no estádio, começa uma briga de duas, três pessoas, aí a polícia vem e bate em 200. A função é separar a briga, prender quem... ou a função é transformar a briga numa... para evitar que a pessoa apanhe, eles batem em todo mundo! É um negócio... desculpa, parece polícia portuguesa. Dez pessoas estão brigando, então deixa eles se brigarem até se matarem, os dez. Agora, você vai lá e bate em 200! Dá porrada em quem está, em quem não está... Eu não acho que polícia tem que amaciar, você quer que a polícia dialogue, na hora do pau a polícia tem que ter atitude, não é isso... mas tem que ter uma atitude inteligente, não é vir e distribuir porrada em todo mundo, aí que cria outro clima, quantos episódios já tivemos aqui no Pacaembu, no Morumbi de quebra pau que a polícia botou o maior fogo nisso, outras ela evitou. Aquele episódio no Corinthians e River Plate, num Libertadores que a torcida ia invadir, alguns policiais ficaram ali, até corajosamente, tentando segurar, mas

ali o que ninguém conta é que a maior parte dos dirigentes da Gaviões estavam segurando as pessoas. Se você olhar a imagem você vai ver vários dirigentes da Gaviões, não deixando que os... Porque se os dirigentes falassem vamos invadir, passava por cima dos dez policiais ali, tinha dez mil pessoas. Os dirigentes segurando as pessoas para não invadir ali. Claro, teve alguns que passaram, a polícia... Mas ali houve uma decisão dos dirigentes para não deixar, não ocorrer isso. A mídia infelizmente faz sempre uma leitura depreciativa da torcida organizada. Não estou dizendo que ela não deve ser criticada, tem fatos que são... emboscada, vai pegar o cara, 30 pessoas batem, aí tem que pegar esses 30 que bateram e prender, como teve lá em Belo Horizonte, alguns torcedores que pegaram, uma loucura, chutaram um cara do Cruzeiro, estão presos. Você só coíbe isso prendendo as pessoas, não tem outra coisa, tendo punição, se não tem punição... É uma briga, a polícia vem, baixa porrada em todo mundo, vai para a delegacia, fica dois minutos, solta, aquilo vira até um troféu para o cara que brigou, ele acha bacana, quando eu era garoto também achava bacana, tem que mostrar que não é bacana, você vai em cana, você vai ter uma punição. Aí eu vou pensar dez vezes antes de fazer isso.

J.F. - Chico, você falou que a Gaviões sempre toma partido, depois da derrota de 74 a Gaviões tomou partido contra o Rivelino pela saída dele do Corinthians? Você se recorda?

F.M. - Não posso ter certeza absoluta que a Gaviões como um todo, assim, como sempre ocorre nessas situações, aquele episódio com o Edilson também, anos depois, a imprensa junto com dirigente, torcedor, a torcida procura um bode expiatório, e aquele conjunto acaba... precisa oferecer a cabeça do Herodes para alguém. Falta bom senso nessa hora, mas aí entram interesses econômicos, entram outras coisas, jogador quer ir embora, o dirigente quer vender, se cria situações, ou mesmo o torcedor está enlouquecido e precisa procurar um culpado. Mas acho que a Gaviões dificilmente tomou atitudes... Às vezes tem aquela coisa, um grupo faz uma faixa, “fora Alessandro, fora não sei que...”, aí entra a coisa da paixão. Cabe ao dirigente nessa hora, o dirigente tem que ser apaixonado pelo Corinthians, o técnico, tem que ver até que ponto a razão e a paixão não estão em conflito. O torcedor, de repente a direção da Gaviões pode tentar separar razão da paixão, mas as vezes a paixão está mais forte. Cabe ao dirigente, um bom dirigente, que foi eleito para isso, até com apoio da Gaviões ou não, tentar separar um pouco a paixão da razão. Não decidir só com a emoção, por isso que o cara é dirigente.

J.F. - Falando em dirigente como foi a relação da Gaviões com o Vicente Matheus?

F.M. - No início foi boa, assim, ajudamos a eleger o Martinez, que era um cara até que ele queria, e depois o Flávio ficou amigo da família, da Marlene. Mas depois a Gaviões ficou

independente, depois desse episódio que o Martinez se elegeu... independência. Podia ter uma porta aberta para conversar, da mesma maneira que protestamos contra ele quando ele voltou, nunca teve uma coisa orgânica do... essa é a virtude da Gaviões, ela nunca teve uma relação orgânica com nenhum dirigente. Essa coisa que jornalista esportivo adora falar, “esses torcedores que vivem do dinheiro da diretoria... a diretoria que dá dinheiro...” Diretoria nunca deu nada. O que ela fazia é o seguinte, isso várias diretorias, a Gaviões tem 50 mil associados, vai ter jogo, então a diretoria envia 10, 20 mil ingressos para a Gaviões, para a Gaviões vender na quadra, em vez de fazer aquele baita tumulto na porta ou dar para os cambistas. Na verdade, vende no Pacaembu, em dois minutos acabou, os cambistas já levaram. Então vai para a Gaviões, a Gaviões no dia seguinte ao jogo leva o dinheiro para lá. Essa é a única... nunca alugou ônibus. Na Gaviões da Fiel não existe torcedor que dependa do Corinthians, não existe. Se um dia existir isso acabou a Gaviões, porque que moral você tem para reivindicar se você está atrelado ao poder? Isso não quer dizer que uma ou outra pessoa dentro da Gaviões não possa ter uma relação boa com dirigente, algum dirigente tenha tentado dar grana para um cara dentro da Gaviões tentar fazer com que apoie, isso faz parte da vida, mas como instituição a Gaviões nunca teve uma relação orgânica com o clube. Por isso está escrito “Gaviões da Fiel Força Independente”. Se ela perder a independência perdeu a razão de ser. Eu deixaria de frequentar se sentisse um dia que tem uma diretoria que está lá atrelada por dinheiro, por alguma coisa a um dirigente, tem que ter a liberdade de crítica.

B.G. - Vocês tinham sub sede já, nessa época?

F.M. - No começo, não, começou mesmo ali na alameda Santos, depois foi para a Santa Efigênia, lá que cresceu pra caramba, e depois aos pouquinhos foi surgindo. Hoje tem sub sedes, tem as quebradas, chama quebradas os locais onde a turma do bairro se encontra para vir junto para o estádio, por causa dessa coisa dos conflitos também, tem que ter uma organização. Agora, eu não sei se eu estou ficando mais velho, acho que a gente deveria muito mais caminhar numa coisa de pacificação disso. E, no fundo, gostava muito mais quando o estádio, era dois terços do Corinthians, um terço do Palmeiras ou meio a meio, eu gostava de ver a torcida do outro lado, ver aquele bloquinho ali, eu acho que a gente deveria... mas isso precisaria ter um esforço muito grande, não só das organizadas, de toda sociedade como um todo, e também dos meios de comunicação para a que se vendesse menos violência e mais solidariedade. Como eu vou falar isso? Pega a novela da *Globo* a principal, é sacanagem em cima de sacanagem, só tem mau exemplo, não é que eu estou ficando careta, mas a realidade é

essa. Você pega o programa do Datena ou do Marcelo Resende, num país de oito milhões de km², com duzentos milhões de habitantes, todos os dias vai ter um caso escabroso em algum lugar acontecendo. Ou um cachorro que arrancou uma orelha de uma criança ou um pai que atirou o filho... e aí você fica durante duas horas em frente a televisão só falando daquele assunto. Passa para o conjunto da sociedade que a sociedade toda é assim, isso vai incentivando a violência. Isso começou com aquele programa o *Aqui Agora* do SBT de muitos anos atrás, os teles jornais viraram divulgadores e propulsores da violência. Uma coisa está ligada a outra, quanto mais divulga, mais tem. Fala “mas divulga o que tem”, “não, mas quanto mais tem, mais vai divulgar”. Então se os meios de comunicação vendessem bons valores para a sociedade, o nível de violência diminuiria, mas aí todo mundo tira... “só estamos mostrando a realidade”, mas não é, mostra uma parte da realidade. Todo dia no Brasil estão acontecendo coisas boas e coisas ruins. Se você mostrar só as ruins, vai parecer que só a ruim que acontece, e não é verdade. Do mesmo jeito que tem gente matando alguém, tem algum auxiliando alguém, porque não se dá destaque... aliás, tem muito mais gente auxiliando das mais diversas maneiras do que prejudicando alguém. Agora, o destaque é só para coisa negativa. Eu como jornalista me sinto muito mal em ver que estamos distorcendo a realidade, não é que o jornalismo não mostra, mas mostra uma parte do real. Se a câmara aqui que está me focalizando, focalizar no meu sapato e mostrar uma parte do sapato que está suja, que eu pisei na terra, e ficar focado “olha, o Malfitani é um cara extremamente mal vestido, olha como ele está, não cuida do asseio”, mostrando só a parte do sapato, está mostrando a realidade, mas é uma parte, não está mostrando eu por inteiro, estou com o cabelo penteado, tomei banho, a roupa está mais ou menos arrumadinha, então é a distorção. Isso ninguém discute. Também o lugar para discutir, a televisão não deixa discutir isso, vai contra ela, então... Isso vale para tudo. Então se distorce a questão da torcida organizada. Quanta coisa boa às torcidas organizadas fazem na vida dos associados, na festa de Páscoa distribui ovinho para as comunidades carentes, quando queima a favela ali perto, leva doação, mas é tudo um bando de marginal. Eu já fui chamado de marginal quantas vezes, pelos comentários, meus coleguinhas, comentaristas esportivos? Não sou marginal, mas me chamam, a PM me acha, mas eu não sou. O fato de ter brigado alguma vez na rua quando era criança, quando era moleque, não me dá esse qualificativo, então...

J.F. - Chico, vamos falar da Democracia Corintiana? Como foi a relação da Gaviões da Fiel com esse movimento?

F.M. - Eu vou falar um pouco da Democracia porque... eu não estava tão presente dentro da diretoria da Gaviões naquela época, ia como torcedor. Eu estava muito presente na Democracia porque eu era jornalista setorista da *Folha*, fiquei como setorista da *Folha* na época da Democracia cobrindo o Corinthians, e estava muito envolvido com o PT naquela época, campanha do Suplicy, uma das minhas primeiras campanhas, então eu convivi muito com o Casagrande, Sócrates, Suplicy, Lula, até por eu não querer misturar política dentro da Gaviões, eu fiquei um pouco de fora, me joguei mais nessa relação com a política do que com a Gaviões. Eu acho que como para todo mundo, espantou um pouco ao torcedor, como espantou um pouco aos jornalistas, ver um tipo de jogador que discutia os problemas do Brasil, não se concentrava. Tem um conservadorismo na sociedade que não gosta, as pessoas foram feitas para ter ordem, nosso lema não é ordem e progresso? Então para ter progresso precisa ter ordem, está escrito na bandeira do Brasil, muita gente acha que é assim mesmo. Então deve ter assustado aos torcedores, até muito torcedor da Gaviões. Mas o desempenho do time no campo era tão alegre e gostoso, aliás, foi o melhor, do ponto de vista do Corinthians nunca foi tão fácil assistir jogo do Corinthians, era gostoso porque sempre ganhava. Não tinha aquela coisa do pequeno ganhar do grande. E eles eram muito identificados com a gente, o jeitão deles, o jeitão do Casagrande, o jeitão do Sócrates, então eu acho que assustou não só a imprensa esportiva, mas a princípio o torcedor. Mas o torcedor vendo no campo aquele desempenho bacana, foi muito educativo, para a própria Gaviões da Fiel, ver que um time que não andava de acordo com aquelas regras tão rígidas, dava para ter uma vida sem regras rígidas e ter um desempenho melhor do que com as regras rígidas. Quando Matheus voltou, ele foi um cara que começou a acabar com a Democracia Corintiana, trouxe Leão, o Leão já não batia com o Sócrates e o Casagrande, aí voltou aquela ordem unida que o time fracassou. Eu acho que foi educativo para a Gaviões também, para a Gaviões se abrir mais, como foi educativo para a imprensa. Agora, aquilo foi um momento muito especial, de dirigentes, na verdade o Adilson Monteiro Alves foi o grande mentor daquilo, junto com o Flávio Gikovate, tinha um grupo de pessoas de cabeça muito aberta, que encontrou um grupo de jogadores de cabeça muito aberta, e que estavam dispostos todos a embarcarem nesse projeto juntos. O Juca Kifouri como jornalista também foi um cara muito importante nesse período, Washington Olivetto, então foi um movimento muito especial. Aquela coisa, tinha todos os ingredientes bacanas para você fazer um bolo bonito. A farinha era de primeira qualidade, os ovos, o leite, o fogão era perfeito, a forma estava bem untada, deu tudo certo, muito difícil você reproduzir isso. Isso eu aprendi ouvindo o Flávio Gikovate,

dizendo “Malfitani, nunca esqueça que o esporte coletivo, o mais individual que existe é o futebol, porque cada um está preocupado com seu sucesso individual. Como você vai juntar todas essas pessoas num esforço coletivo?” E aquilo foi um momento especial, que todo mundo não pensava só em si próprio, pensava que o sucesso de todos será o seu sucesso, o sucesso daquela ideia de grupo, por isso aquilo deu certo. Futebol é assim, não é? Se eu vou muito bem, a imprensa dá muito destaque, o outro está ganhando 500 paus a mais que eu, quem faz o gol sou eu, vou encostar o corpo, deixa ele resolver. Então tem muito isso no futebol. E naquele momento juntou dirigente, Adilson Monteiro Alves, que era um cara de cabeça muito aberta, sociólogo, o Waldemar Pires que era presidente do Corinthians, que permitiu que isso ocorresse, endossou essa ideia, junto com o Flávio Gikovate, com Washington Olivetto, e com Mario Travaglini que era o técnico de cabeça muito aberta, apesar de você olhar para ele e ele parecer um sujeito quadrado, mas ao contrário. E um nível de jogadores muito legais, Casagrande, Sócrates, Juninho, Daniel, um grupo bacana mesmo, e o Sócrates que era um cara fora de série, um cara sensacional.

J.F. - O Sócrates tinha um bom trânsito na Gaviões?

F.M. - Que eu me lembre sim. Também essa relação era um pouco diferente. Tem essa coisa de torcedor idolatrar jogador e jogador ficar babando ovo para a torcida. Ali todo mundo se colocou, o jogador não fazia questão de ser simpático com jornalista que ia entrevistá-lo, nem precisava puxar o saco do dirigente, nem puxar o saco do torcedor. Cada um fazia seu trabalho, cada um se respeitava. Essa coisa do respeito que eu digo, a admiração que você ganha das pessoas é pelo respeito que você impõe, e eles encaravam assim a torcida “Eu faço bem o meu trabalho, o que eu faço fora o torcedor não tem nada a ver com isso”. Foi educativo para o torcedor. Então a relação era boa, não era uma babação de ovo dos dois lados. Acho que foi o período que torcedor e jogador melhor se relacionou, como deveria ser, nem ser um ídolo intocável ou quando ele comete um erro ser o judas do momento, nem uma coisa nem outra. Era uma relação normal, eles eram trabalhadores, desempenhavam bem o trabalho, os torcedores eram admiradores desses trabalhadores, respeitavam eles como jogadores e como seres humanos. Se eles não iam se concentrar, se iam beber cerveja, se chegavam na hora do jogo, se saíam com mulheres, se fumavam maconha ou não, isso era problema de cada um.

J.F. - Em 83 teve a eleição mais concorrida da história do Corinthians, o Waldemar Pires contra o Matheus. Foi a reeleição do Waldemar Pires. Ele deu um depoimento no qual ele afirma que

foi formado conselho quando ele foi eleito com a participação de integrantes de todas as torcidas organizadas do Corinthians. Você se recorda disso?

F.M. - Eu lembro que teve um período em que a Gaviões resolveu colocar várias pessoas de sócio para concorrerem ao conselho e também permanecerem no conselho, e através desse poder institucional, decidir questões sobre o poder do Corinthians. Mas eu acho que isso acabou não vingando com muita força. Porque aquela coisa, quando você começa entrar numa outra estrutura de poder, você é cooptado por aquela estrutura de poder. É diferente. Você começa a perder a independência, que é a força da Gaviões. Então eu acho que deve ter tido importância na época, eu não lembro exatamente os detalhes, deve ter tido importância, a gente apoiava o Waldemar Pires, acho, mas eu acho que isso não vingou, como você vê, hoje não tem muitos membros da Gaviões parte do conselho, não vingou porque não é a nossa, vamos dizer assim, o perfil do cara da Gaviões é o cara que gosta de sentar no estádio, ir no jogo, tomar cerveja, ir lá na sede, ir na escola de samba, disputar junto com os amigos e vibrar no estádio, é um bando de louco e cobrar as atitudes. Quando você começa a fazer parte da estrutura de poder que você cobra, você já não pode cobrar do mesmo jeito, essa é uma diferença. Você entra na estrutura de poder, como você vai cobrar? Você vê, porque houve o refluxo dos movimentos sociais com o PT no poder? Porque o movimento social, uma parte dele entrou na estrutura de governo, então você... precisa surgir um outro movimento social para começar a cobrar. Difícil isso. Isso não é no Corinthians ou no governo ou no PT. Se você começa a fazer parte da estrutura que você quer fiscalizar, você acaba se comprometendo com a estrutura, acaba perdendo a mesma visão e a mesma isenção que você tem para cobrar as coisas. A Gaviões podia ter tomado o Corinthians, todo mundo virar conselheiro, eleger presidente, não vingou isso, até porque não sinto ninguém com vontade de fazer isso lá.

J.F. - A questão da escola de samba que você mencionou várias vezes, Chico, você se recorda quando foi criado o bloco, meados dos anos 70?

F.M. - É, começou... aquela coisa, tentar levar para Tiradentes, alegria da... E, claro, ia muita gente da Bela Vista, que era do Vai Vai, a gente era muita gente do Vai Vai era Gavião. A Gavião nasceu ali, o núcleo principal era do Bexiga, da rua Rocha, então tinha muita gente, os dirigentes da Vai Vai eram membros da Gaviões da Fiel. Primeira bateria nossa, gente da Vai Vai que tocava na bateria, então teve essa coisa. Então resolvemos, vamos fazer um bloco, participar de desfile de bloco, bacana. Eu como não sou um cara do carnaval, sempre fui daqueles chatos da Gaviões que fala “assisto só futebol”, tem gente que acha que a escola de

samba atrapalha um pouco a Gaviões. Não é que atrapalha, ela toma um tempo e um peso grande; mas eu sou a favor das escolas de samba porque ela suaviza o embate da torcida organizada. Vem gente de tudo quanto é lugar participar, vê gente, que não é aquilo que os jornais e a televisão, que é um bando de louco que querem matar um ao outro, é normal, é uma farra, é gostoso, é divertido. Você vai no ensaio da escola de samba na sede da Gaviões lotado na quadra, fora da quadra, o cara se assusta, não tem perigo nenhum, vai família, vai criança, mãe, avó, a família. Acho legal isso. Só que eu nunca participei. Conheço a turma lá, são meus amigos todos, sempre me convidam, todos os anos me convidam para desfilar na Gaviões, e o ano que eu resolvi ir... “você tem que ir, você é um dos fundadores, você vai ter um carro que é em homenagem aos fundadores, vai estar até com uma imagem do Joca” que faleceu, que é um dos fundadores junto comigo, meu amigo Joca, “você tem que ir”, dessa vez eu vou. Fui. Foi o ano que quebrou o carro que eu estava, a mão do Joca pegou no relógio... vou roubar o relógio... Eu nem vi, estava tão animado em cima do carro dançando, achei que ia estar cheio de mulher bonita, nova, não era, era tudo... puseram Inesita Barroso, umas velhinhas todas junto comigo, todas velinhas ali. E foi o ano que a Gaviões foi rebaixada. Eu fiquei com fama de pé frio. “Fundador da Gaviões, o único ano que o cara vai, a escola de samba é rebaixada”, então... toda mulher que eu estou casado, vamos lá no desfile, todas com quem casei, “ah, não, prefiro...” Eu adoro é ir no estádio, isso... não posso... Adorei que fizemos o Itaquerão, Arena Corinthians ficou linda, espetacular, é outro... mas eu tenho uma saudades do Pacaembu, putz. É claro, vivi 64 anos indo... tem aquela coisa, moro mais perto, aquela discussão, o Pacaembu é longe, bom, é longe para mim, e para os caras da zona leste que vieram durante 64 anos vindo de lá para cá, agora é a vez deles, mas para mim, cara, para eu ir para o Itaquerão, principalmente a noite, “vou para o estádio”, deu tempo, saio de casa a noite em 20 minutos estava aqui. Já para Itaquera não é simples, precisa pensar na volta, é mais longe, mas não dá para comparar em termos de estádio realmente. Quando eu fui ver a primeira vez o Itaquerão, não estava 100% inaugurado, nossa, estou na sede da Microsoft, você vê aquela parte de fora que é aquele vidro meio côncavo, nossa, aquilo parece uma sede de multinacional, é um luxo. Aqueles banheiros tudo de mármore, ficou um negócio espetacular, e a gente sabe cuidar bem. Não estou dizendo que... nenhuma crítica a isso, acho bacana assim. É que o Pacaembu para mim tem uma coisa... história, não é, e o que eu sinto falta em Itaquera, não concordo, lá a maior parte do estádio é para quem tem mais poder aquisitivo, isso eu acho um erro brutal. Eu como corintiano, acho que o Corinthians está ficando de costas para a sua maior riqueza que é

o seu torcedor. Acho um erro da diretoria isso. O estádio tem que refletir o que é a sociedade, a maior parte da sociedade ainda é popular, então acho que os setores populares tem que ter os maiores espaços dentro do estádio. O cara que paga R\$180 pode pagar R\$250, agora quem paga R\$30 não pode pagar R\$100. Então eu acho que essa coisa de restringir os setores populares só atrás do gol, o torcedor comum que não é da organizada, não pode ir para o estádio mais, então acho um erro. Eu sei que tem que pagar o estádio, tudo mais, mas aí é a galinha dos ovos de ouro, estamos matando a galinha dos ovos de ouro. A riqueza do Corinthians. Como a Gaviões ficou grande? Cobrava R\$150 paus de mensalidade, não, era R\$5 a mensalidade, entrou gente do povão, toda gente da periferia, isso que fez a grandeza da Gaviões, é o que faz a grandeza do Corinthians. Voltar às costas para isso é um erro. Não só uma injustiça histórica, como é um baita erro de marketing. Quem está no marketing hoje no Corinthians hoje, desculpe, eu vi uma entrevista de um cara que estava no marketing do Corinthians há uns dois, três anos atrás, eu nunca ouvi tanta bobagem, eu sendo um cara de marketing. Um cara que não conhece a história do Corinthians, que não está entendendo o que é o marketing do Corinthians, é a grandeza... como se fecha contratos publicitários, milionários? Tendo 30 milhões de loucos, não só 30 milhões de loucos para a televisão, vamos fazer com que as crianças possam ir no estádio. Como um cara, o pai pode levar um filho para o estádio pagando R\$50 paus de ingresso para cada filho? Vai gastar R\$150, para isso no ingresso mais barato, por jogo, com R\$768 o salário mínimo? Não dá. Então afastar o povo da periferia do estádio do Corinthians, não é uma injustiça só, é um erro de marketing de quem está fazendo isso, é um absurdo. Isso precisa mudar. Isso vai afastar... O São Paulo está fazendo a coisa correta. O São Paulo diminuiu o preço do ingresso, enche o estádio, um clube que era de elite, aos poucos, aos poucos virou um público popular, e o Corinthians que tem o público popular que é a maior torcida do Brasil junto com a do Flamengo, agora que tem um estádio, afasta o povo do estádio. Isso... Não há justificativa econômica agora que justifique esse erro, que vai, que as outras gerações de dirigentes e torcedores vai pagar, que é a diminuição do surgimento de novos corintianos. O garoto não vai ser corintiano se não pode nunca ir no estádio, ele tem que ir no estádio, você tem que pensar nessa geração. E a geração da periferia que tem que ir, isso para mim é o maior erro que ocorreu. Se eu tivesse a opção entre, temos o estádio e afasta o povo do estádio ou ficava com o Pacaembu, ficava com o Pacaembu, apesar de adorar a Nova Arena, achar lindo, maravilhoso, é o estádio mais bonito que já fui, então, mas esse é um erro brutal.

J.F. - Chico, você falou desse simbolismo do time do povo, que a Elisa representou muito bem. A gente esqueceu de falar da Elisa, você se recorda?

F.M. - Opa, claro, nossa. Comecei no estádio vendo a Elisa lá, de corintiana, com a bandeirinha dela, os balangandãs tudo de Corinthians, broche de Corinthians, brinco, gritando, sempre no meio do campo ali, a Gaviões se formou ali, em torno dela. Claro, ela não era da Gaviões da Fiel, ela tinha o jeitinho dela, mas assim, mas a Gaviões nasceu vendo a Elisa lá. Ela teve um papel importante ali, as mulheres corintianas, tinha um grupo de mulheres que ficava sempre do lado dela, essa é uma recordação gostosa. Um símbolo do Corinthians, uma mulher negra, humilde, amando o clube, gritando, mexia com todos nós aquilo, garotos naquela época.

J.F. - E ela como torcedora era...

F.M. - Ativa pra caramba, não parava o tempo inteiro, gritava o tempo inteiro, era um exemplo para a gente. Como uma senhora daquele jeito torcia daquele jeito, a gente tinha que fazer cada vez mais, melhor. Sempre teve uma lembrança muito gostosa de vê-la, realmente a gente tinha esquecido de falar da Elisa, importantíssima.

B.G. - E tinha mulheres envolvidas nesse processo de fundação?

F.M. - Num primeiro momento, não, mas logo em seguida foi entrando. Gaviões para mim é assim, é um barril de pólvora, você acendeu... e deu uma explosão, foi muito rápido, tão rápido que eu nem me dei conta disso. Minha participação forte foi bem naquele início mesmo, atrás de dinheiro, mandar fazer as bandeiras, os primeiros jogos, as primeiras entrevistas com imprensa, depois aquilo tomou... eu fiquei pequeno, entendeu? Ficou pequeno, tomou conta de mim, sou mais um. Eles que me chamavam Malfitani... Depois que passou aquele filme *Cem anos do Corinthians*, que eu dei um depoimento, as vezes eu estou no estádio vem um cara mais jovem, “ó, tira fotografia com esse aqui, que esse é fundador da...” é engraçado [risos]. Eu tenho o maior orgulho, me orgulho de ter ajudado a fundar a Gaviões. Porque eu me orgulho de ter ajudado a fundar uma coisa que o povo fez, isso que é bacana. Surgiu do povo, é do povo, é deles para eles, acho muito legal. Isso é a prova de que quando o povo se organiza ele alcança o que quer. Então isso eu tenho orgulho mesmo. Que nem os caras do Paulistano, corintiano, petista, fundador da Gaviões, só falta ser argentino. Eu tenho orgulho de ser brasileiro, petista, corintiano, fundador da Gaviões, nada disso me deprecia, eu gosto. Mas acho que assim, eu posso falar que foi uma das grandes alegrias da minha vida, e dos grandes orgulhos da minha vida ter ajudado a fundar a Gaviões da Fiel com todos os problemas que teve, com as organizadas e tudo isso, o mesmo orgulho que eu tenho de ser brasileiro com todos

os problemas, eu tenho um baita orgulho de ser brasileiro, um baita orgulho de ser corintiano e um baita orgulho de ter ajudado a fundar a Gaviões da Fiel, ser uma pedrinha pequenininha assim. Beleza?

J.F. - Certo, obrigado Chico...

F.M. - Nossa, que bom para mim, adoro que eu posso falar as coisas que eu me lembro. Ajuda... recordar é viver, não é?

[FIM DO DEPOIMENTO]